UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARANGUAPE: UMA CIDADE DE PLURALISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA?

Tania M. Vasconcelos da Silva

REDENÇÃO-CE

2017

MARANGUAPE: UMA CIDADE PLURALISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA?

Tania M. Vasconcelos da Silva

Trabalho apresentado ao curso BACHARELADO EM HUMANIDADES - BHU, Instituto de Humanidades e Letras – IHL, como quesito parcial a obtenção do título de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientador: Profº. Dr. Luís Tomás Domingos

REDENÇÃO-CE

OUTUBRO,2017

Tania M. Vasconcelos da Silva

Trabalho apresentado ao curso BACHARELADO EM HUMANIDADES - BHU, Instituto de Humanidades e Letras – IHL, como quesito parcial a obtenção do título de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos/UNILAB
Orientador

_____

Profº Drº. Leandro de Proença Lopes
Membro

_____

Profº. Drº. Carlos Subuhana/UNILAB
-Membro

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....05

2.JUSTIFICATIVA.....06

3-OBJETIVOS.....08

3.1-Objetivo Geral.....08

3.2-Objetivos Específicos.....08

4.PROBLEMÁTICA.....08

4.1 - Breve histórico religioso da cidade - Maranguape 08

4.2- Pluralismo religioso na “terra dos potiguaras”.....12

4.3- Manifestações religiosas em Maranguape.....14

4.4- Religiões afro-brasileiras e indígenas.....15

4.5 - Naturezas filosóficas.....18

4.6-. Relações de (in) tolerância religiosa.....19

4.7-O Direito de crer ou não crer no espaço do diálogo.....20

5.HIPÓTESE.....21

6.METODOLOGIA.....22

7.REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....24

RESUMO

A pesquisa a priori, partiu de algumas inquietações pessoais vivenciadas nesse contexto de novo tempo em que a palavra fé ganha ainda mais força tendo em vista o pluralismo cultural religioso exigindo um diálogo aberto e de alteridade entre as pessoas de vários credos; Portanto, o presente projeto visa constatar as diversas manifestações religiosas na cidade de Maranguape e os comportamentos de seus cidadãos frente ao pluralismo religioso pertinente na cidade. Procurará ainda, adquirir o conhecimento do tema abordado a partir de autores, a saber: Berkenbrock, Clifford Geertz, Michel Meslin, Eduardo Rosa Pedreira e pretende entender o pluralismo religioso destacado por Juarez Leitão e Pedro Gomes de Matos na cidade de Maranguape, observando os dados censitários de 2010.

Palavras chaves:Pluralismo, Religiosidade e (in)tolerância.

1-INTRODUÇÂO

Não temos dúvidas quanto à influição da “Fé” ainda no contemporâneo. Falar em crenças é pensarmos na história do homem, mas também no significativo da vida humana. O sentido do mundo para muitas pessoas perpassa pelo âmbito da fé, sejam as experiências com o divino pautado num sistema cultural-religioso , seja ela norteada numa “visão de mundo” ou simbolizada pelo *ethos* [1]Nesse *Kairós*, a fé ainda está presente e é tão viva quanto foi no passado (PEDREIRA, 1999). E é nesse contexto de novo tempo que a palavra fé ganha ainda mais força tendo em vista o pluralismo cultural religioso que exige um diálogo aberto e de alteridade; Catherine E. Clifford (2012) “A sociedade é muito mais pluralista hoje do que há 50 anos, graças a uma migração sem precedentes entre povos”. Nesse sentido:

> A forte consciência da necessidade do diálogo inter-religioso não aparece do nada. O diálogo é uma exigência do pluralismo cultural e religioso. Antes de pensar o diálogo, é imperativo refletir sobre o pluralismo que o pressupõe e o exige. (PEDREIRA, 1999: p.123).

E ainda:

> É tarefa de um possível diálogo discutir as diferenças de concepções teológicas, bem como perceber como estas concepções teológicas estão presentes na prática da vida dos fieis [...] Aqui já se pode notar que, tendo em vista um futuro diálogo, a teologia terá de se perguntar sobre o nível em que deverá ser feito o diálogo. (BERKENBROCK, 2007:41-42)

No trabalho vigente, buscaremos entender as diversas manifestações da religiosidade na cidade de Maranguape desvelando as demais religiões que estão fora do Censo. O último Censo de 2010 sobre a distribuição das religiões

[1]Segundo Rosa Pedreira(1999), a expressão *Kairós* usada por Paul Tillich significa “um especial momento no tempo que é diferente de um momento ordinário (*Kronos”).* Um *Kairós* pode ser visto como uma oportunidade dentro de nosso tempo.

http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao

http://populacao.net.br/populacao-maranguape_ce.html.

destaca: Católica Apostólica Romana (76.72%); Evangélica (35%); Espírita (11%). Contudo, a dinâmica atual de Maranguape permite-nos observar outras perseverenças de fé pertinentes na cidade. Uma perseverença que denota para além do Censo. Segundo analistas, várias críticas foram tecidas quanto à metodologia do Censo 2010 para apurar a dinâmica religiosa de nossa nação. Tendo em vista as múltiplas pertenças religiosas e o fluxo religioso tal como os sincretismos que diante da aplicabilidade censitária não é ou foi possível destacar, pois o instrumental usado não fornece informações mais delicadas e minuciosas. Porém, o Censo revela o "grosso" das transformações de toda uma década e sinaliza possíveis mudanças. Portanto, a cidade de Maranguape em seu real contexto revela uma multiplicidade de "fés" ou crenças que abrange outras dimensões religiosas para além do Censo. (LEITÃO, 2008) afirma: "Além do Catolicismo, que é largamente predominante outros credos ganham espaço espiritual em Maranguape, com destaque para os Evangélicos e os Espíritas".

Sabemos que a afirmação de pertença religiosa, exige além da perspequitiva censitária. Porém, desde o Recenseamento da década de 50 até o Censo de 2010 a cidade de Maranguape destaca praticamente os mesmos dados quanto à distribuição religiosa:

> Segundo o Recenseamento Geral, em 1950, a população do Município de Maranguape assim se dividia quanto à religião professada: católicos romanos: 41.065; protestantes: 344; espíritas, 21; sem religião 85; e sem declaração 70. (MATOS, 1966:120).

Como toda nação brasileira, Maranguape ascende à fé cristã, vejamos os dados históricos:

> Terra dos potiguaras, Maranguape, como era de regra, teve seus índios catequizados e conquistados para colaborar na tarefa colonizadora. Em sua "inocência cultural", não percebiam os índios que estavam conspirando contra eles mesmos, servindo de

> instrumento para os seus próprios conquistadores brancos, alma seduzida e força de trabalho dos ocupadores de suas terras. (LEITÃO 2008: p.53)

Assim, com a finalidade de esmerar as demais religiões não apontadas pelo Censo e tampouco pelos historiadores da mesma, visamos analisar as relações dos cidadãos maranguapenses quanto ao pluralismo religioso da cidade e aos comportamentos de (In) tolerância religiosa.

2. JUSTIFICATIVA:

A razão de nossa pesquisa a priori, partiu de algumas inquietações pessoais vivenciadas através de um trabalho missionário realizado na cidade de Maranguape. Devido à resistência para aceitação da fé cristã e a falta da alteridade tanto pela comissão missionária como pelos convidados que pertenciam a outras instituições religiosas surgiram frequentes questionamentos a respeito do “outro” que professava e \ ou não uma maneira diferente de crer. Diante de um contexto pessoal religioso despertou-se o interesse a respeito da fé e religiosidade daqueles que admitiam outras crenças e qual o caminho para o diálogo que promovesse a tolerância. Desta forma, ao longo dos anos, essa experiência pessoal nos impele a um estudo mais específico sobre as pessoas e suas religiosidades no espaço de Maranguape. Assim sendo:

> Mas ninguém negará que qualquer tentativa de compreensão do homem deve necessariamente implicar o estudo de seus comportamentos religiosos. Pois ainda que a religião e as diversas formas sob as quais ela é vivida não passem de ilusões ou epifenômenos, nem por isso deixa de ser verdade que a relação vivida pelo homem crente entre ele mesmo e seu (s) Deus (es) é um fato universal.(MESLIN,2014:8)

Questionando-nos então sobre a aparente harmonia religiosa desse município que conforme nossa experiência no campo missionário apontou alguns índices de intolerância. Surgiu assim, o interesse sobre a religiosidade do "outro", mas também sobre nosso comportamento diante do "Eu" religioso que permite ou não um espaço para o diálogo. Portanto, nos condicionamos de maneira intrigante a questionarmos sobre esse prisma religioso no tocante as relações dos maranguapenses no quesito da fé.

3. OBJETIVOS:

3.1. OBJETIVO GERAL

Constatar as diversas manifestações religiosas na cidade de Maranguape e os comportamentos desses fiéis face ao pluralismo religioso.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar as relações culturais existentes entre as pessoas que professam os vários credos;
- Compreender as razões da (in) tolerância religiosa;
- Incentivar o respeito às várias maneiras de crer ou não crer;

4. PROBLEMÁTICA:

4.1 - BREVE HISTÓRICO RELIGIOSO DA CIDADE - MARANGUAPE

> Todos os chefes pitiguaras, quando acordam à voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro jamais soube como ele combater. Assim as tribos não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab (ALENCAR, 2006:66).

Da tribo potiguara destemida e valente nasce[2]Maranguab. Conforme a cartografia antiga era assim que se chamava o solo que hoje conhecemos-

A origem da toponímia "Maranguab" deriva de vários significados e difere na interpretação de vários autores. Matos (1966), afirma que este nome provém das antigas sesmarias onde se encontra escrito MARAGUABA, que significa "árvore de comer ou fruto que se come". Já Falcão (1993), em seu pequeno Dicionário Toponímico do Ceará, relaciona os vários significados da palavra Maranguape com base em outros autores: Maranguape, palavra

Maranguape. Assim como em várias terras seus primeiros habitantes também Indígenas foram os pitiguaras (potiguaras) que viviam a base do cultivo da mandioca e do milho, mas também sabiam da existência de minerais na região. Sendo assim, o topônimo Maragoab ou maranguab difere na interpretação de alguns autores; contudo, o significado mais aceito inclusive em seu hino oficial, aceita a versão tupi-guarani onde Maranguape significa “Vale da batalha”.

Maranguape é caracterizada como cidade peculiar bucólica e tranquila. Característica esta que nem mesmo todo o período histórico com seus avanços e retrocessos foram capazes de transmutar. Para tanto, é possível uma reflexão mais profunda sobre sua serenidade.

Para compreendermos a dinâmica do município de Maranguape, ou seja, considerarmos as características culturais da referida cidade esquadrinhamos a ideia do antropólogo Clifford Geertz, porquanto nos oferece melhor e atual esclarecimento sobre o que é cultura. Vejamos:

> O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado à teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989: 15)

indígena composta de MARA (Arvore) + ANGAI (de nenhuma maneira) + GUABÈ (comer), significando “árvore que de maneira nenhuma se come”. Na visão do romancista cearense José de Alencar, na sua ilustre obra, Iracema, a palavra significa “guerreiro, sabedor da terra”. Trata-se da abreviatura de MARAMONHANG (fazer guerra, guerrear). Para João Brígido, a palavra é a junção de MARANGUABA, que significa “mato apertado, cerrado”, de MARÁ (mato) e GUAB (apertado, cerrado), em outras palavras significa “mato fechado”. Nessa busca pela origem do nome da localidade, Teodoro Sampaio afirma que a palavra surgiu da aglutinação de três elementos distintos: MARA ou MARAN + GOI + PE, em que MARA significa guerra, luta, batalha, confusão, e se traduz “no vale ou na baixa da peleja”. O Historiador Raimundo Girão considera que a posição de Teodoro Sampaio é razoável, mas um tanto inexpressiva. Por isso acrescenta: “É possível que MARA provenha da alteração de IMIRÁ (madeira, pau) dando MARANGUÁ “o vale ou baixada da madeira”, mas é preferível interpretar de outro modo: MARÁ (madeira) + GUABA (o que), significando “o que tem Madeira”, o lugar das madeiras” (GIRÂO, 1983, p. 138).

A cultura para Clifford Geertz é semiótica porque são considerados os signos sob todas as formas de manifestações que se apropria. Respaldando-se e convertendo-se entre seus significantes de forma recíproca. Para o autor, cultura é algo a ser percebido e não definido como propriedades, ela é uma produção de significados que são compartilhados publicamente. Pode ser material ou imaterial. Ela está inserida na linguagem e como as pessoas dão significados a sua visão de mundo. A cultura como dinâmica se resignifica. Precisa ser compartilhada pelos indivíduos que estão em um determinado espaço.

Partindo do pressuposto analítico citado pelo referido autor, procuramos compreender os significados tecidos nas relações aparentemente harmoniosas entre os conterrâneos maranguapenses. Como se comportam diante da diversidade religiosa? Qual o procedimento diante do “outro” que não professa a mesma fé e /ou que não é a mesma maneira de crer? Estas indagações são importantes para depreendermos o costume e modo de vida dos maranguapenses e compreender como lidam com o pluralismo cultural e religioso.

MATOS (1996), apresentando a história de fé em Maranguape sintetizada apenas três denominações religiosas, a saber: católicos, protestantes e espíritas. O autor é um dos poucos autores que descreve sobre a cidade. Contudo, porque em sua pesquisa se atém apenas as três denominações? Sua pesquisa trata do Estado do Ceará: Aspectos histórico-geográficos. Sua ênfase é mostrar a cidade de Maranguape em suas perspectivas gerais. O autor destaca:

> Segundo o Recenseamento Geral, em 1950, a população do Município de Maranguape assim se dividia quanto à religião professada: católicos romanos: 41.065; protestantes: 344; espíritas, 21; sem religião 85; e sem declaração 70. (MATOS, 1966:120).

O historiador Leitão consolida:

> Maranguape assiste pacientemente os passos da história. O tempo dirimiu as velhas questões e pacificou a fé. Hoje, católicos, espíritas, maçons, evangélicos, esotéricos e livres pensadores convivem civilizadamente, cada grupo buscando o seu espaço [...] (LEITÃO, 2008: p.58)

Segundo Leitão, os cidadãos maranguapenses vivem em plena harmonia com relação às diferentes formas de crer. Mas, até onde essa afirmação corresponde com a realidade empírica das situações cotidianas? Sabemos, porém que o cristianismo foi se ramificando a outras divisões e dessas divisões subdivisões. Principalmente a ramificação cristã protestante. Hoje, há no município muitos números de fieis cristãos de denominação evangélica. Ainda segundo Matos (1966), o culto protestante ascendeu, mas somente a partir de 1944 com as denominações religiosas - Assembleia de Deus e a Igreja Batista. E enfatiza ainda a existência de centros espíritas e a existência de um "Centro Esotérico Assala" de natureza filosófica.

Para tanto, contamos com fieis de outras religiões, crenças ou modo de viver que estão fora do Censo. Essas por sua vez, nos trouxeram inquietações ainda mais aguçadas: a "Terra dos Potiguaras" também foi um espaço para portugueses e africanos. Então, onde estão à fé dos africanos, as religiões de matrizes Africanas? Onde está à maneira da crença indígena, ou seja, a religião de matriz indígena, a saber, a Umbanda? Também não seria justo pertencerem a ela a fé desses "outros"?

Volney j. Berkenbrock (2007) ao tratar da "descoberta do Outro" enfatiza que por meio da percepção da realidade brasileira é nítido os traços culturais não somente de nativos e portugueses, mas de todos que aqui pisaram. Sejam eles imigrantes aventureiros e escravizados (grifo nosso). Desta forma:

> Cada um destes grupos culturais perfez um determinado caminho histórico. Caminho este que para as culturas oprimidas é um caminho de sofrimento, pois a cultura e religião "branca e vencedora" não permitiu nenhum espaço ou opção para o desenvolvimento das culturas e religiões "vencidas". (BERKENBROCK, 2007: 26-27)

É sabido quanto à colonização cristã católica em Maranguape. Seu maior representante: Joaquim Lopes de Abreu “preocupado” com as necessidades religiosas dos novos moradores logo construiu uma capelinha a Nossa Senhora da Penha. Oficializou então a fé cristã na “cidade dos potiguaras”.

> Os anos correram, e o arruado cresceu à margem esquerda do Riacho Pirapora (salto do peixe) e em derredor da capelinha, de logo construída para atender as necessidades religiosas de seus moradores; (MATOS, 1966:112).

A fé católica foi então preponderante. Desde então os moradores colonizados foram difundindo - a entre associações pias como: Apostolado da oração, associação de São Vicente de Paulo e Associação das Senhoras de Caridade, todas elas fundadas respectivamente em 1851, 1888 e 1895.

> Então, foi a capela desta última erigida em Matriz, consagrada a Nossa Senhora da Penha, sob os auspícios do Pe. Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, que Vigário de Messejana, também fôra removido para nova sede paroquial. (MATOS, 1966: 118)

Se atentarmos para realidade da cidade é possível observamos que além das religiões citadas por Matos (1996) e registradas pelo Censo, existem outras crenças tão importantes quanto o cristianismo em sua fundação nesta terra. Por meio da mobilidade social e nas relações interpessoais vamos sendo conduzidos a um olhar minucioso. Um olhar que enxerga outras “fés”. Um olhar que “vê” a fé dos não ditos.

Portanto, Maranguape culturalmente conhecida como cidade pacata seria tão tranquila assim? Maranguab, o sabedor da guerra, certamente mantinha firme sua fé como ferramenta para vencer as batalhas. Possivelmente seus filhos também guerreiam suas guerras usando também a força da fé.

4.2 - PLURALISMO RELIGIOSO NA “TERRA DOS POTIGUARAS”

Para além da diversidade religiosa optamos por falar especificamente no termo pluralismo religioso, pois entendemos que este termo caracteriza-se fortemente como fontes de enriquecimento humano, onde na diversidade de credos o plural singulariza seus valores de fé e permite um cruzamento com outras fontes espirituais. Singularizar não significa monopolizar. Pelo contrário, permite um diálogo, que é o contrário da hegemonia de uma só fé.

> Essa lógica pluralista da equiparação não tem a preocupação de fundir as diferenças inerentes a cada religião em um pacote multirreligioso. Busca, sim, a equiparação do valor que cada religião tem no drama divino-humano da salvação. Ou seja, a preocupação não está nas afinidades ou dissonâncias das diversas religiões, mas na igualdade delas diante de uma mesa de diálogo, que não pode ser, nesta ótica da equiparação, mesa retangular com o cristianismo sentado à cabeceira, mas mesa redonda, na qual todos os participantes desfrutam lugares iguais. (PEDREIRA, 1999: p.123).

Em conformidade com Pedreira (1999), o pluralismo religioso é um antigo fenômeno, contudo, com o advento da modernidade foi exigido a sua percepção com “novos olhos”. (grifo nosso).

> O pluralismo moderno não só traz a possibilidade do diálogo, mas impõe sua necessidade. Não há mais espaço para entrincheiramento e isolacionismo, pois o diálogo é necessidade de uma cultura caracterizada pela pluralidade (PEDREIRA, 1999, p.120).

Portanto, ciente de que nosso país é marcado culturalmente desde sua gênese pelo pluralismo cultural e religioso antes de falarmos nessa pluralidade, exige-se um olhar mais apurado que consequentemente nos leva a uma pergunta: O que é religião? A questão da religião vista por Clifford Geertz

permite-nos o entendimento de que a religião é algo para além da metafísica. Ela é “seriedade moral em todas as culturas”. Tanto encoraja como exige. A religião é parte importante a ser enfatizada. São as experiências intelectuais, emocionais ou moral. Cada pessoa vive sua religiosidade e cada religião pode ser vivenciada conforme motivações ou disposições de cada adepto. A religião é uma orientação para a conduta humana. Vejamos:

> Uma *religião* é (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradoras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura da fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989: 103-104)

Geertz salienta que a religiosidade de um povo pode ser claramente percebida pelo *ethos*- aspectos morais e estéticos como elementos valorativos. A saber; caráter, estilo moral, qualidade de vida e etc. Também é de suma importância, conforme o referido autor, depreendermos a *“visão de mundo*” que são os aspectos cognitivos como conceitos sobre a natureza, conceitos sobre a sociedade e sobre si. Posto isto, a religião ou crença de um povo conserva e promove uma ordem geral que promove significados intrínsecos ao individuo, porquanto os interpreta a partir de sua experiência e organiza sua conduta, ou seja, seu modo de viver. Michel Meslin 2014:26 enfatiza: “Mas se é possível assim definir em termos gerais a função de toda a religião, nem por isso se deve esquecer que esse termo único e abstrato cobre uma pluralidade de experiências”.

Nesta visão sobre o mundo religioso, buscaremos encontrar em Maranguape para além da diversidade religiosa existente. Buscaremos encontrar em cada movimento religioso, ou filosófico, seu *ethos* e sua *visão de mundo* a partir do contexto maranguapense. Desvelaremos também, tanto as religiões ou credos que são reconhecidas oficialmente tal como as religiões e que estão fora do Censo. Para isto nos recorreremos à pesquisa bibliográfica e de campo.

4.3 – MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS EM MARANGUAPE:

- Igreja Católica

> A Igreja Católica está profundamente identificada com a colonização do Brasil. Os portugueses, que aqui aportaram no ultimo ano do século XV, eram agentes daquele conceito obsessivo de que fora do cristianismo não haveria salvação[...] Todas as vilas coloniais nasceram ao redor de uma capela. Em Maranguape não foi diferente. O Português Joaquim Lopes de Abreu, pelos finais do século VXIII, ergueu a capelinha no Alto da Vila, Hoje Bairro da Outra Banda, dando, desta forma, a senha para ajuntamento urbano que logo se formaria a convocação de seu pequeno sino. (LEITÃO, 2008: p.53).

O engajamento espiritual é uma das principais preocupações da Igreja Católica. Desta forma, houve em Maranguape um investimento dessa fé ao lado de congregações clericais de frades e freiras. Vejamos:

> Em todas as paróquias, os vigários fundam o que chamam de ASSOCIAÇÔES PIAS e nelas procuram incentivar o ingresso de seus paroquianos. Em Maranguape, a Paróquia assiste a dez associações leigas, figurando como as mais antigas o **Apostolado da Oração**, criado em 1851, a **Associação dos Vicentinos**, fundada em 1888, e a **Associação das Senhoras de Caridade**, de 1895. (LEITÃO, 2008: p.55).

Pelo viés católico, Maranguape celebra duas grandes festas religiosas; Dia 10 a 20 de janeiro a festa de São Sebastião e de agosto a setembro celebra: Nossa Senhora da Penha. Assim, entre os fiéis católicos ambos os santos disputam o padroado.

> Essas duas festas religiosas de Maranguape são famosas em toda a região metropolitana de Fortaleza. No passado, atraiam grande leva de pessoas da Capital e municípios vizinhos para suas procissões, novenas e leilões. (LEITÃO, 2008: p.55).

Contudo, a pacata Maranguape cristianizada também caracterizou em sua gênese além da intolerância religiosa, o preconceito e discriminação:

> Em 1866 foi criada a **Irmandade de nossa Senhora da Penha**, que nos seus estatutos estabelecia que nela não poderiam figurar: homens menores de 18 anos e maiores de 60, mulheres menores de 14 anos, gente de maus costumes ou...pretos (de raça negra). . (LEITÃO, 2008: p.55).

Conforme os dados históricos fornecidos por Juarez Leitão, todas essas fontes instiga um pensamento mais reflexivo sobre as múltiplas relações entre os conterrâneos maranguapenses. Será que Maranguape é tolerante a fé dos outros, semelhantes? Não se trata apenas da (in) tolerância entre cristãos, mas também de um debate que apresente as religiões não cristãs e os sem religião.

- Assembleia de Deus

O movimento Pentecostal Assembleia de Deus chegou ao Brasil há mais de cem anos com a vinda dos missionários suecos: Daniel Berg e Gunnam Vingren. Mas, o primeiro protestante na cidade de Maranguape foi Antônio Ferreira Lima. Em 1936 foi a data da fundação da Assembleia de Deus em Maranguape. Leitão afirma:

> Um dos pioneiros na implantação do protestantismo foi o pastor Antônio Ferreira Lima, que em 1935 fundou uma igreja da Assembleia de Deus no Sítio Orebe, localizado no Distrito de Maracanaú. No ano seguinte o mesmo instalou outro templo da Assembleia de Deus na sede do Município [...] (LEITÃO, 2008: p.55).

Cada igreja Assembleia local tem autonomia administrativa e financeira porquanto é congregacional, em consonância, sua organização denominacional aderiu à forma do episcopado não territorial. Desta maneira, cada Ministério é constituído pela igreja-sede com suas respectivas filiadas, congregações e

pontos de pregação (subcongregações). O símbolo sagrado é a Bíblia Sagrada e seus rituais mais marcantes: Santa Ceia e Batismo nas águas.

Conforme MATOS (1996), “o Culto protestante também ascendeu, mas somente a partir de 1944 com as denominações religiosas - Assembleia de Deus e a Igreja Batista”. Com o passar dos tempos abrangeram a partir das cisões outras denominações pentecostais assembleianos.

Sobre as respectivas datas divergentes a respeito da fundação da Assembleia De Deus em Maranguape entre Pedro Gomes de Matos e Juarez Leitão, precisaremos de uma pesquisa mais aprimorada.

Para tanto, o cristianismo na cidade de Maranguape ainda tem outras denominações como: Adventista do Sétimo Dia, Igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias (MORMOS), Testemunha de Jeová dentre outras que ainda não foram contempladas na história e nos dados oficiais de Maranguape.

4.4- RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E INDÌGENAS:

- Umbanda:

Apresentamos a umbanda na cidade de Maranguape com a seguinte citação:

> Entendemos que Umbanda, enquanto religião é nova e é brasileira. Está fundamentada nos orixás africanos trazidos pelos nossos irmãos negros, assim como nos rituais aqui praticados pelos pajés indígenas. (SARACENI, 1951: p.23).

É sabido que em cada “cantinho” da cidade de Maranguape há curandeiros e religiões de matrizes africanas. A umbanda que mais se destaca ainda não contém registros oficiais como sendo ela uma religião pertencente à cidade, porém, não é difícil encontrar adeptos dessa matriz religiosa nesse espaço culturalmente marcado pelo cristianismo, porém percebido pela fé desses “outros”. Dessa forma, a pesquisa presente pretende buscar dados verídicos para seu reconhecimento.

- Santo Daime

> Normalmente quando é feita uma menção ao chá, muitas vezes referindo-se ao Santo Daime, nem sempre se tem conhecimento de que está-se tocando na ponta de um "*iceberg"* cujas bases acham-se apoiadas em tempos imemoráveis de uma longa história(ANDRADE,1995:89)

Santo Daime já é uma religiosidade presente em Maranguape, isto posto, acreditamos que em todo seu percurso histórico até sua chegada à Maranguape houve motivos inerentes para sua relevâncias e permanência na própria cidade. Constatamos mais uma vez a necessidade de reconhecimento para todas as religiões que também trazem seu "ethos" e sua "Visão de Mundo", contribuindo para a continuidade da fé que é sinônimo de esperança.

4.5- NATUREZAS FILOSÓFICAS:

Salientamos a importância da conduta ou estilo de vida adotados por algumas pessoas também no quesito da fé em Maranguape, tendo em vista que a fé no contexto em que pensamos também está ligada aos valores, a ética, aos hábitos e a harmonia que conduzem o bem comum de determinadas comunidades. A estes modos de vida, optamos por chamar de fé. Clifford Geertz considera este modo de vida como *ethos*. Assim, buscamos por algumas formas ou estilo de vida baseada nas filosofias a seguir:

- Espírita

Segundo LEITÃO (2008), "além do Catolicismo, que é largamente predominante, outros credos ganharam espaço espiritual em Maranguape, com destaque para os evangélicos e os Espíritas". É um dos princípios basilares do Espiritismo Kardecista não estimular ou seduzir ninguém para frequentar, mas todos são bem vindos. Assim, desde a década de 50 os Espíritas na cidade de Maranguape fazem de sua fé um *ethos* baseado na solidariedade e no amor ao próximo. E por meio de sua *visão de Mundo* procuram se estabelecer na sociedade a partir de seus saberes práticos.

MATOS (1996) enfatiza: Há dois Centros Espíritas situados na Vila de Itapebuçu e no Sítio Bragantino"[...]. Hoje, é perceptível o crescimento de adeptos dessa filosofia, tão pouco esclarecida na sua gênese histórica em Maranguape, como pouco divulgada no Censo como um dos modos de vida que mais cresce na cidade.

- Centro Esotérico Assala

Trata-se de uma entidade esotérica que objetiva estimular a espiritualidade na vida das pessoas e não segue nenhuma religião específica, contudo estima para que todas as pessoas religiosas ou não interajam em harmonia. Neste, os fiéis em Maranguape reúnem-se para discutir um modelo de vida pautado no bem-estar espiritual, moral e social.

- Maçonaria

Conhecida como uma sociedade filosófica é importante salientar a importância da maçonaria:

> A maçonaria foi também outra organização muito perseguida em Maranguape. Esse era um ódio histórico e de âmbitos nacional [...] O que se sabe é que a Maçonaria teve importante participação cívica em todos os movimentos liberais e democráticos do país, figurando com muita dignidade em nossa história. No Ceará, os maçons participaram ativamente do abolicionismo e de campanha republicana. (LEITÃO, 2008: p.57).

A Maçonaria também ganha espaço em Maranguape; A loja maçônica chegou a Maranguape em 1932 com a denominação de Deus em Maranguape. Sendo uma sociedade fraternal, o princípio da Maçonaria é que o adepto acredite em um principio criador e que tenha boa índole. Sua mensagem central é o crescimento da espiritualidade e da humanidade a partir dos ensinamentos morais e ritualísticos.

Portanto, O Grande Arquiteto do Universo, faz referencia ao principal Planejador e Criador de tudo que existe, inclusive do mundo material

(demiurgo) independente de uma crença ou religião específica. Na Maçonaria o Rito é o Escocês Antigo e Aceito dividido em três graus.

Para além do Espiritismo, do Centro Esotérico e da Maçonaria existem outros *ethos* e *Visão de Mundo* baseados na fé proporcionada por Rosa Cruz e pelo Budismo que também contornam o pluralismo religioso na "Terra dos Potiguaras". Contudo, temos a pretensão da busca por informações mais pautáveis dentro da história de Maranguape, tendo em vista que todas estas aqui estão presentes.

4.6-. RELAÇÕES DE (IN)TOLERÂNCIA RELIGIOSA

"A fé na ação de Deus no mundo é a motivação central para que os cristãos não permaneçam cegos diante de outras opções religiosas". (Berkenbrock, 2007: 363). Iniciamos esta questão com a citação de Volney J. Berkenbrock, para salientarmos a hegemonia cristã na cidade de Maranguape e lembrarmo-nos de situações de intolerância religiosa existente principalmente quando se trata das religiões afro-brasileiras.

> No passado, foi difícil o enfrentamento de outros ramos do Cristianismo ao Catolicismo, crença pioneira e firmemente arraigada na tradição popular e na aliança com o poder predominante. Os pregadores das outras doutrinas eram rudemente combatidos pelos católicos, travando-se uma verdadeira guerra religiosa. (LEITÃO, 2008: p.57).

Não há dúvidas de como ainda há muito a ser revelado sobre a cidade pacata-Maranguape. A intolerância é apenas uma das características a serem analisadas nas relações sociais existentes. Sabemos que o pluralismo religioso é presente na cidade, porém, o Censo ainda não destaca, tampouco a história não nos oferece subsídios necessários para uma pesquisa bibliográfica mais apurada. Portanto, será possível e necessária uma pesquisa de campo que contemple esse mundo plural e nos revele o que os dados históricos e oficiais nos ocultam. Porque a tradicional Maranguape ainda ignora a fé de seus "outros" filhos? Afinal, seria Maranguape tão pacata assim? Não haverá na

referida cidade algum adjetivo que reflete a intolerância? Será que há possibilidade para o diálogo?

4.7: O DIREITO DE CRER OU NÃO CRER NO ESPAÇO DO DIÁLOGO

Diante do referido projeto, intencionamos explorar ainda questões sobre o ensino religioso seguindo as orientações dispostas pela força da Constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tal como refletirmos sobre a temática da laicidade. Como se porta as instituições públicas sobre a temática laica? Esta temática aparece nas instituições escolares? Qual a postura dos líderes maranguapenses e educadores quando se trata do termo laicidade? Desta forma a partir de uma análise de cunho bibliográfico e documental objetivado ao direito à liberdade de consciência; Trabalho realizado por [3]Marília De Franceschi Neto Domingos nos condicionaremos a melhores reflexões. Esta referida pesquisadora esclarece bem a diferença entre a:

> [...] liberdade de *crença* ou de *consciência* e não liberdade *religiosa* pois que os dois termos, ainda que comumente confundidos tem uma diferença fundamental: se a liberdade religiosa garante ao cidadão o direito de escolher dentre qualquer religião aquela que lhe convém, que lhe apraz; também implica na idéia de escolha de religião, excluindo aqueles que optam por não professar ou praticar nenhuma (caso de agnósticos e ateus). É o direito de "escolher entre crenças". Já a liberdade de crença ou de consciência é o direito de escolher entre crer ou não crer em uma divindade (ou divindades ou ser supremo), cultuando-a (ou não) através de uma religião ou grupo de pertencimento (DOMINGOS, 2010, p.54).

Portanto, nos sentimos impelidos à busca ao diálogo neste novo tempo. Sabendo-se que não é um assunto novo, mas um assunto que exige uma atenção especial para a continuidade de todos os esforços empenhados para valorização da fé de cada pessoa em sua singularidade, como também ao

[3]Artigo recebido em 13 de outubro de 2010 e aprovado em 13 de dezembro de 2010

* Doutora em Sociologia do Desenvolvimento pela Universidade Paris I Pantheon-Sorbonne. Professora da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação – Departamento de Fundamentação da Educação/Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. País de origem: Brasil. E-mail mariliadomingos@hotmail.com.

.

direito de escolher - não crer. Porque é assim que nos abriremos ao diálogo e ao respeito mútuo.

5- HIPÓTESE

Acreditamos que a cidade de Maranguape esconde sua intolerância religiosa e seus preconceitos em sua aparente harmonia. Um dos motivos pelos quais nos dados oficiais e históricos ocultarem ou negarem a existência das demais religiões que estão presentes há tanto tempo.

Portanto, após uma pesquisa atenta, pressupomos que a cidade de Maranguape ignora as demais “fés” de seus conterrâneos por motivos que revelam seu interesse mantenedor pela ideia de uma cidade pacata e harmônica sob uma hegemonia política e cristã. Para tanto, mesmo que ainda essa característica tranquilizadora perpasse a mente de historiadores como Juarez Leitão e Gomes de Matos, acreditamos ser possível desmitificarmos ou apurarmos melhor sobre essa informação.

6. METODOLOGIA

O traçado da pesquisa vigente é alusivo ao tema apresentado e dispõe do propósito distinguir a metodologia a ser empregada no contexto deste projeto. Conforme Pedro Demo:

> Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia. (1987, p. 19)

Quanto à metodologia do projeto, sabemos que é essencial uma pesquisa elaborada, pois para assumir uma forma importantíssima de fazer ciência, cuidaremos dos procedimentos e ferramentas que nos levarão alcançar nossos objetivos. Desta forma, optamos pela abordagem da pesquisa qualitativa (bibliográfica) e a pesquisa quantitativa (de campo),observação participante,

porquanto, os dados bibliográficos tal como a parte empírica são ferramentas necessárias para nosso entendimento quanto à temática.

Em virtude de nossa opção– *pesquisa bibliográfica* e a *pesquisa de campo* – queremos despertar o interesse com base nas definições de Antônio Joaquim Severino :

> A *pesquisa bibliográfica* é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (2007, p.122). (Os grifos são do autor).

Sobre a pesquisa de campo Bourdieu (1999) afirma o pesquisador pode usufruir das entrevistas semiestruturadas o que facilita o entendimento mútuo do tema abordado.

Vejamos ainda o que afirma Morin em sua reflexão:

> [...] pode-se dizer de pronto que a história das ciências não se restringe à da constituição e proliferação das disciplinas, mas, abrange, ao mesmo tempo, a das rupturas entre as fronteiras disciplinares, da invasão de um problema da disciplina por outra, de circulação de conceitos, de formação de disciplinas hibridas que acabam tornando-se autônomas; enfim, é também a historia da formação de complexos, onde diferentes disciplinas vão ser agregadas e aglutinadas. Ou seja, se oficial da ciência é a da disciplinaridade, uma outra história ligada e inseparável, é a das inter-poli-transdiciplinaridades. (MORIN,1999,p.106)

Então, não há como produzir um trabalho na temática do pluralismo religioso tal como do diálogo sem nos recorremos à área interdisciplinar, tendo em vista que a pesquisa presente engloba conhecimentos nas áreas da antropologia, das ciências das religiões, história, pedagogia e outras que contribuirão certamente neste espaço.

7. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Procurar adquirir o conhecimento do tema abordado a partir de autores, a saber: Berkenbrock: A experiência dos Orixás: Um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé, Clifford Geertz: A interpretação das culturas, Eduardo Rosa Pedreira: Do Confronto ao Encontro: Uma analise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso, Juarez Leitão: Maranguape e Pedro Gomes de Matos: Ceará: Aspectos histórico-geográficos de Maranguape.

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALENCAR, José de. **Iracema:** Cinco Minutos. Ed:Martin Claret. São Paulo,2006.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé/Volney J.Berkenbrock.3 ed.-Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 2a edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

CARNEIRO, Evandro Holanda. Síntese histórica de Maranguape. Prefeitura Municipal de Maranguape, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informações qualitativa**. Campinas :Papirus, 2001.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. Dossiê: **Laicidade, Estado e Religião** – Artigo original DOI – 10.5752/P.2175-5841.2010v8n19p53. Pesquisa: file:///C:/Users/Thiago/Downloads/Dialnet-LaicidadeODireitoALiberdade-374.pdf em: 07.10.2017.

GEERTZ, Clifford**. A interpretação das culturas.** ED. Guanabara Koogan S.A: RJ(Copyright 1989)

LEITÃO, Juarez. **Maranguape.** Ed. Assaré. Fortaleza 2008.

MATOS, Pedro Gomes de. **Maranguape – Ceará: Aspectos histórico-geográficos**. 2. Ed. Fortaleza, 1996.

MORIN, Edgar. A CABEÇA BEM FEITA: Repensar a reforma, repensar o pensamento.8ª edição. *Tradução* Eloá Jacobina, editora:Copyright,1999. Pesquisa: http://lelivros.love/book/a-cabeca-bem-feita-edgar-morin/Acesso em: 28/05/2017 ás 12:30h.

MESLIN, Michel. Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino. Ed. Vozes, Pétropoles, RJ. 2014.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. **Do confronto ao encontro**: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso/Eduardo Rosa Pedreira-São Paulo: Paulinas,1999._(Coleção: Caminhos de diálogo).

SARACENI, Rubens. **O Código da Umbanda:** Doutrina e Ritual da Umbanda. Ed. Cristális, São Paulo 1998.